

CRÔNICA À MARGEM DO GRAAL

Haquira Osakabe (UNICAMP)

Nota

Em princípios de 1986, estive em Portugal, investigando sobre os destinos da lenda do Graal na cultura medieval daquele país. Muito do que aprendi, lendo e ouvindo durante aquela viagem, deverá sair na inevitável forma de ensaios que só agora começam a tomar forma. No entanto, há as franjas, aquelas experiências que deram sedimento existencial às elocubrações intelectuais e que, pelo seu caráter intensamente vivencial, acabam escondidas ou ressabiadas. Com esta crônica pretendo redimir-me diante delas e prestar minha homenagem à Vera Aguiar cuja morte no mesmo ano acabou por dar um sentido inesperado àquela viagem.

No trajeto entre Lisboa e Sintra me veio curiosamente essa frase "O Graal é português", como uma solução cabal para uma pergunta sequer formulada até então. Instalado sobre a certeza do insolúvel problema de sua origem, o significado do Graal sempre adveio de uma inserção finalista pela qual, com certeza, vem justificando sua persistência e seu vigor durante séculos. De fato, o que tem conferido ao mito sua vitalidade é seu sentido condutor, na acepção própria dessa expressão, já que é impossível aprender a significação desse objeto sem vinculá-lo à sua própria busca; ou melhor, o Graal não tem a grandeza mítica se se lhe extrai do seu conteúdo o desejo com que ele se corporifica nos sujeitos. Logo, não há Graal sem Demanda nem vice-versa. Mas, eu dizia que foi de repente que me veio a idéia de atribuir uma na-

cionalidade portuguesa ao Graal. A circunstância era obviamente propícia. Lá em Sintra, eu ia encontrar-me com meu amigo Pedro Teixeira da Motta (o que entende de muitas coisas) para juntos subirmos o morro do castelo em ruínas e de lá contemplarmos na sua integridade o Castelo na Pena. Uma peregrinação seguramente marcada, cujo sentido mais me advinha das palavras do meu amigo-guia do que da contemplação das ruínas do velho castelo. Nisto, alguns (aparentemente) turistas, passaram por mim, grupos de alerões, que como eu dava a impressão de estar tentando "achar". Pedro Teixeira da Motta segredou-me que, como aqueles, inúmeros eram os que vinham a Portugal tentar encontrar o Graal. Sintra, Tomar, entre outras, eram as regiões que emitiam possíveis sinais do repouso recôndito do mito. Não foi sem emoção que, ao chegar a parte mais alta do morro, pude ver o Castelo da Pena resplandecer sob o jorro de uma luz invernal, branca, projetando suas formas como um reflexo pelas encostas do rochedo.

"O Graal é português". Não estaria ali repousando para prosseguir em direção a outras terras. Mas como se reconhecesse nos entremeios das terras de Sintra, de Tomar, da Mafra, de Amarante o sedimento de sua própria "naturalidade", ele se tivesse instalado ou reconquistado berço. O jorro de luz que envolvia o Castelo da Pena tinha, naquele momento extático, o desenho particular de um gesto que só a natureza consegue traçar; recompunha-se pelas encostas não a sorbra do castelo mas o tom denso de uma parede vertical como se por conta de uma luz penetrante se amostrassem as raízes de algum mistério que aquela visão indicava. Outro bando de estrangeiros ali chegava sem nada dizer. Não sei o que viam. Mas, por mero turismo, não se contempla o sol; nem é impunemente que o olhar desce ofuscado pela sua claridade a raiz de um castelo. Nesse momento, Pedro Teixeira da Motta pronunciou por várias vezes o nome da palavra primitiva, tentando fazê-la ecoar, mas o som se perdia absorvido pelos pinhais e pelos rochedos.

Fiana Brandão, Tereza Sobral Cunha e o mesmo Pedro Teixeira da Motta guiaram-me a Tomar, para ver o Convento da Ordem de Cristo. Antes que suas portas se abrissem, mergulhamos nossos sentidos na floresta ao lado, aquela que se abre com vastos loureiros; a comoção estranha de séculos de florestas, muros e perfumes. Ali chegava, dali partiam os Cavaleiros do Templo. Em torno de quê? Em busca de quê? A forma da charola, ou do altar central, comanda os olhos para o centro do teto. Só que não se vê nem o centro nem o céu. No mais, o chão concêntrico e o teto ascendente dão a impressão segura de um alicerçamento às avessas; ou melhor, de um içamento pelo infinito. Ali recebiam os do Templo a "benção como espada/a espada como benção", ali mais de uma vez se instalou a eterna vigília, a noite profunda que antecede as lutas e os mistérios. Ao contrário do castelo da Pena em que a luz desvendava o alicerce oculto, a obscuridão da charola movida para o alto é que traçava a direção desse outro alicerce: o que ancorava nos céus aquela espécie de nave suspensa, presa pela eternidade. Impossível livrar-se do calafrio nas espinhas. Tereza Sobral Cunha indicou de uma das janelas; "o ovo primordial..." No pátio Fiana Hasse e Pedro Motta amadureciam o sentimento do mistério num diálogo que perpassava o portal. A descida fez-se para a Igreja onde havia um painel estonteante: um santo segurando um calice que

continha um dragão. Não tenho claro o nome da Igreja e, o que me é raro, nem nome do santo. Lembro-me com nitidez a contraposição entre o vaso e o dragão, a insólita combinação de um conteúdo jamais imaginado para aquele continente. Às vezes penso se aquele quadro existe mesmo. Mas a figura da Tereza Sobral Cunha desdobrando à minha frente o painel não me permite glorificar-me a ponto de tornar-me "autor" daquela insólita manifestação. A dominação da Fera tem na iconografia cristã equivalentes na imagem da Imaculada, na de São Jorge. Na ancestral luta entre a luz e as trevas, diz a tradição mais ortodoxa, não subsistirá a Fera, nem resistirão os males à luminosidade do Reino definitivo. Mas é estranho o espetáculo da domesticação da Fera a ponto de torná-la conteúdo de um cálice tal como naquele quadro se revela. Talvez nem seja a Fera que aí esteja representada. Com certeza não, mas sim, a intensidade de sua força, destituída de sua impregnação maligna, Lúcifer antes da queda.

Sempre que uma cena que é indefinida eu a percebo crepuscularmente. O painel se desdobrando, a sua parca luminosidade me posta diante de um quase delírio crepuscular, um fim de tarde fantástico que mais uma vez me prostrava diante da insistência do insólito; a charola e o infinito, o cálice e a força aprisionada. Fazia-se de fato quase noite; dos meus guias lembro-me das poucas palavras e de gestos fundos. Sei que a Fiamma Hasse escreveu daquele dia poemas densíssimos que li inéditos no Instituto da Av. 5 de Outubro em Lisboa. Com certeza só o verbo poético adensaria "materialmente" a experiência do sólo, o tatear, o vislurrbrar, ou o tangenciar qualquer coisa por cima da charola, por de trás do cálice e seu dragão. Na volta, a Sé de Lisboa pareceu-me resplandecer mais do que sempre. Não tive tempo de ir à Vila do Conde contemplar a conjunção do vaso e da embarcação que se acha inscrita no pórtico da igreja segundo descoberta de Dalila Pereira da Costa. O tempo curto e talvez uma certa sobrecarga súnica me impediram de fazê-lo. Mas pensei o tempo todo no inspirado livro daquela escritora e decidi visitá-la pessoalmente. Mais uma vez o encontro foi na 5 de Outubro como o fizera com Fiamma Hasse; mas esta era uma outra 5 de Outubro, a do Porto, e, ao invés do 5º andar, uma casa inteira dominada por uma profusa plantação de camélias que floriam diversamente na época em que lá cheguei. Era uma tarde de inverno semi-chuvosa, mas mesmo assim fui conduzido pela anfitriã pelos úmidos caminhos dentre as cameleiras - um roteiro mítico em que subitamente se clareavam convergências obscuríssimas na minha biografia. Lá estavam frondosíssimas as camélias que os portugueses navegantes e missionários haviam, há séculos, trazido do Japão. E não foi por acaso que me sobreveio com arrepio a lembrança do "Silêncio de Deus" com que Shusaku Endo procurou entender o destino apóstata de um missionário português no século XVII. Pretenso portador da verdade, o referido missionário de tal modo se integrara na sua própria verdade que a redescobriria na face do Outro e se transformara nesse outro como condição daquela mesma verdade. Nada há que resiste ao amálgama que o humus fecundado pela unidade invernal integra e perfuma acidamente. É destino do homem e da natureza essa dissolução hibernal, essa fecundação ilimitada que sob nossos pés, apesar dos sapatos impermeáveis, faz ecoar repisares arcaicos, ciclos ancestrais que a natureza fatal sobredetermina. O missionário de Endo num dado momento fa-

la desse charco que é o Japão, assimilando a tudo e a todos. Mas naquele momento em que Dalila Pereira da Costa me conduzia por entre as camélias, o charco era a terra do Porto, a fecundidade inundada, a atmosfera densa de umidade e frio, e a vitalidade transbordante daquela floração extasiante. O Japão florindo no Porto.

O sentido daquela visita começava a se esboçar. Lá dentro, eu diante daquela impressionante senhora resenti o impacto absurdo de estar fazendo às avessas o caminho do apóstata. Ali estava eu, tendo percorrido por mais de quarenta anos a trajetória para o Ocidente. Em frente àquela mulher, sentindo o agudo aroma do seu chá ali finalmente se clareavam como relâmpagos, os instantâneos de um percurso secular que as carneiras haviam prenunciado. A senhora Dalila apontou em direção à janela para mostrar-me como as flores tentavam a todo custo invadir os recintos. Assim fazia eu. Vindo do Oriente plantava-me ali como um destino e, tal como o apóstata às avessas, convertia-me em coisa daquela terra. Algo como uma morte acontecia-me ali, mesclando-me à umidade, à queda esplêndida das gotas e das pétalas, inundando o corpo de um intenso e trêmulo fenecimento. "O homem erra quando disputa com Deus a posse da vida" Disse a senhora Dalila. Como, a posse da vida? Se ela se esvaía de mim como um rio? "Amarante ainda possui uma ponte romana sobre o Tãrega". "O Marão é lindo no outono". Atravessei a pé a ponte romana. O Tãrega relutava entre suas margens e o Marão, mesmo no inverno, cativava por algum encanto inexplicável o olhar. Imensas vezes parei ao meio da ponte deixei-me carregar. Mais de uma vez a tremulação o calafrio, o amortecimento. A inteira sensação de uma captura. Pascoaes decifraría: deus latejando na terra. Dei-me conta de que tanto em Sintra quanto em Tomar quanto no Porto ou em Amarante se travava a absurda certeza do cumprimento de uma descoberta necessária, de um destino forçoso, compulsivo como uma memória (ou Reminiscência?). O Graal é português? Foi o que me perguntei, já no carregado silêncio noturno e chuvoso de Amarante. Ao formular novamente a pergunta ali, creio ter me apercebido da razão pela qual Pascoaes teria afirmado o sentido introspectivo da história. De fato, o tempo se procura a si próprio e ninguém mais do que o próprio Pascoaes seria capaz de formular esse princípio com tanta precisão. Assim, deu para entender que, à maneira de tudo, todos os percursos que eu tinha feito até então repetiam, com os nítidos contornos do mito, um único trajeto; o da vida condensada. E definiam um sentido único: o caminho do Ocidente. O trajeto da luz. O significado do que quer dizer amortecimento, transmutação. O Graal é português? Acho que sim, e, com Pascoaes, eu diria que seu outro nome é Saudade.